

Falta de dinheiro impede adesões

Freddy Charlson
Da equipe do **Correio**

No quadro branco da sala 9, do Centro de Ensino Fundamental 1 do Gama, o professor Anderson Guimarães, 25, desenha fórmulas matemáticas com um pincel atômico vermelho. Meio sem jeito — a sala está quase vazia, o colégio também, e ele não aderiu à greve dos colegas —, ele revisa a disciplina para os alunos das turmas A e B da 8ª série vespertina.

Desalentados, os estudantes se esforçam para aprender as noções da matemática. A aula é uma das poucas do “Um” (como a escola é conhecida), onde a maioria dos professores (25, dentre 42) cruzou os braços, para azar dos 1.353 alunos das 38 turmas.

Os que preferiram trabalhar, apesar das dificuldades — auxiliares da limpeza em greve, pressão dos colegas — admitem, como Anderson, que gostariam de aderir ao movimento. Mas confessam que não podem ficar sem o salário no fim do mês.

Anderson disse que acabou de construir a sua casa, está com o telefone cortado e endividado “até a raiz dos cabelos”, tem filho, a mulher não trabalha, dá aula em cursinho aos sábados. “Como vou aderir à greve desse jeito?”, questiona. “Tenho consciência do descaso do GDF com a gente, mas não posso fazer greve”, confessa.

Uma das poucas alunas em sala, Rayla de Aragão Gomes, 13, da 8ªA, jura que vai à aula enquanto tiver professor, e lamenta a greve. “No final das contas, vai sobrar para a gente. Vamos perder as férias. Eles estão certos em defender o lado deles, mas, assim, prejudicam a gente.”

A diferença no número de grevistas, em cada escola, mostra um descontrole do movimento. Enquanto na escola de Anderson 60% dos professores pararam, a poucos metros dali, na Escola Classe 15, com qua-

trocentos alunos de 1ª a 4ª série, apenas um dos 27 professores aderiu. “O pessoal que ensina os mais novos é mais preocupado. E o sindicato não passou por aqui, não fez piquete”, explicou o vice-diretor Francisco José, 30.

AUXILIARES

Na Escola Classe 21, no Setor Leste do Gama, o Sindicato dos Professores (Sinpro) conseguiu sensibilizar oito dos 15 colegas. Quase 50%. “Antes do piquete, só um estava em greve”, disse a diretora Carmélia Alves Bernardo. Ao contrário do Centro de Ensino Fundamental 801, no Recanto das Emas. Na escola de 1.300 alunos, dirigida por Rosângela Ávila, apenas sete dos 52 professores pararam.

As salas vazias da Escola Classe 2 do Riacho Fundo 2, onde 13 dos 27 professores estão em greve, foram justificadas pela diretora Adriana Ferreira, 32. Ela disse que juntou as turmas no turno da manhã, para facilitar o trabalho e o lanche. A escola tem 952 alunos de 1ª a 4ª série. As auxiliares da cozinha prometiam parar hoje.

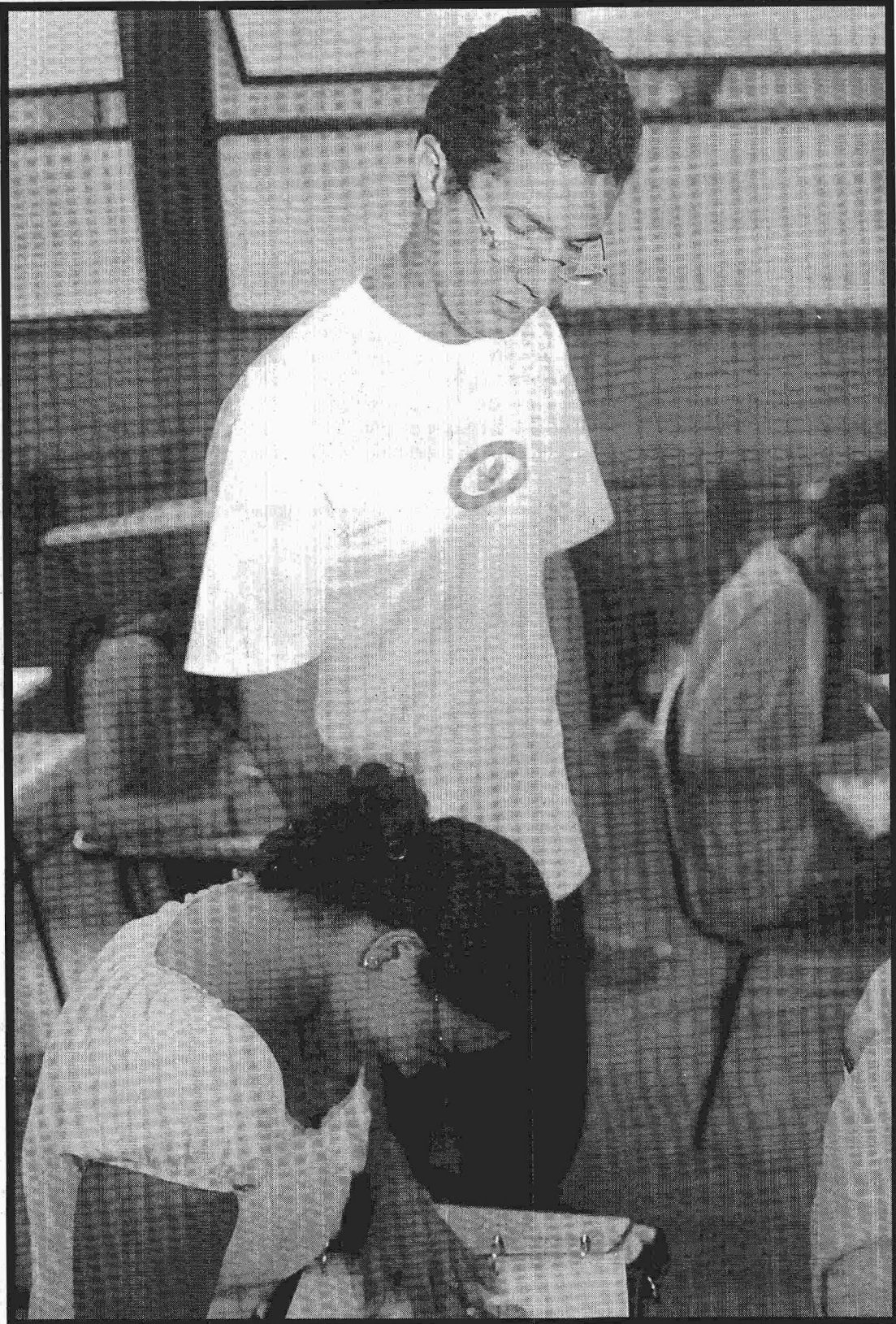
No Centro de Educação Infantil 210, com 600 alunos, em Santa Maria, 80% dos professores fazem piquete e constroem as quatro colegas que teimam em ensinar crianças do maternal 1, 2 e 3. Com os auxiliares parados, as professoras, aliás, até lavaram salas e banheiros, para trabalhar com um mínimo de higiene.

“Não fiz greve porque tenho medo de ficar sem dinheiro”, conta uma acanhada Patrícia de Almeida Rosas, 33, que dá aulas de atividades. Apesar de não ter medo das colegas — que considera amigas — Patrícia diz que sofre com a pressão.

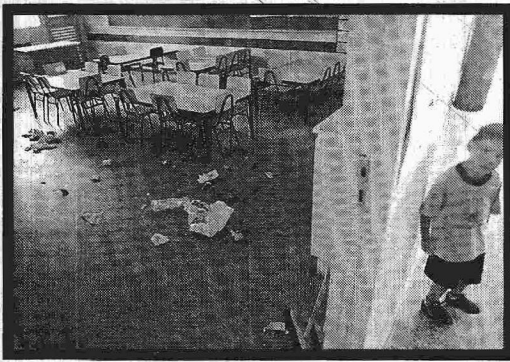
“Elas atrapalham o movimento”, reclama Cláudia Gomes, professora grevista. “Desse jeito, o governo vai dispensar os auxiliares de limpeza, já que as professoras estão

lavando banheiros e salas”, completa a também grevista Isabel Cristina Macedo, 34. Coincidência ou não, os banheiros e salas lavados na terça-feira pelas quatro mulheres que “furaram a greve” estavam muito sujos, na quarta-feira.

Fotos: Ronaldo de Oliveira



O PROFESSOR ANDERSON GUIMARÃES APÓIA O MOVIMENTO MAS DIZ QUE NÃO PODE PARAR: DÍVIDAS E DIFICULDADES



CEI 210, EM SANTA MARIA: SALA APARECEU SUJA